

Este é um dos documentos básicos dos Princípios Fundamentais do Catolicismo Salomonita, onde Dom Salomão Ferraz faz a fundamentação do conceito de maioria nacional civil e religiosa do Povo Brasileiro para assumir a Autonomia da sua Igreja no País. - Dom Felismar Manoel – Bispo Primaz da ICAI-TS (Natal de 2010)

Salomão Ferraz

Majoridade Nacional Civil e Religiosa

Conferencia pronunciada na Capital Federal, no 119º aniversario da Independência, 7 de setembro de 1941

Rio de Janeiro

1941

Tributo de Honra à memória de Diogo Antonio Feijó

O ínclito estadista que viu a realidade nacional
em seus vários aspectos de religião e civismo,
de liberdade e honra,
como fanal que mostra o caminho da paz

Introdução

É vesoso, em certos círculos, chamar a capitulação os movimentos liberais do mundo moderno, como os únicos responsáveis pela desintegração social da época. E lembram, então, como contraste, os áureos tempos da idade média, com o seu apogeu em Inocêncio III e Gregório VII, e os seus últimos arrancos salvadores no Concílio Vaticano¹ e sob Pio IX, que condenam, *in limine*, o “livre exame” a liberdade de consciência, as democracias e proclama os dogmas da infalibilidade papal como a grande tábua da salvação. Não resta dúvida que há uma falsa liberdade, uma falsa democracia. Com o estigma degradante de “liberalismo”, isto é, a liberdade sem Deus, sem fé, sem ideal transcendente.

Mas o que de em geral se esqueceu os incondicionais acusadores do liberalismo, é que existe um autoritarismo igualmente pagão, absorvente, que transfere para o homem as prerrogativas de Deus. A divinização da autoridade humana, a maneira dos Césares de Roma, é tão pagã como o liberalismo indigitado, são como Cilas e Caríbides², em um e outro dos extremos, que ocasionam desastres. É como o “nazismo” hoje, que pretende salvar do “comunismo” a civilização “cristã”.

Nessa conferência não se pretende combater os males do cesarismo religioso com a panacéia de qualquer liberalismo, e, mormente, no sentido pejorativo atribuído ao termo hodiernamente, só há uma soberania absoluta e legítima: a de Deus.

Recai-se na apostasia e na confusão sempre que se pretende transferir-se a soberania de Deus para o homem, seja ele o representante da Igreja ou do Estado, ou o próprio povo diretamente.

Toda a sorte de soberania usurpadora tem sido experimentada, as dos Césares de Roma, a dos papas, a dos chefes de estado, a do povo e a dos indivíduos. O homem necessita de alguma soberania, visto que o regime “anárquico”, a ausência de toda e qualquer soberania, é impossível. O papado, com o andar dos tempos, veio a ocupar o lugar do cesarismo pagão, copiando-lhe os moldes e deixando-se eivar do mesmo espírito. Contra o poderio do papa surgiu a Reforma, especialmente na sua forma luterana, que transferiu o regime absoluto aos Príncipes regionais, com a sua forma clássica: “*Cujus régio, ejus religio*”. Procurando fugir de um e de outro destes termos, mas sem elevar-se do plano meramente humanista, rompe a Revolução Francesa, criada pelos Enciclopedistas, proclamando a soberania do povo, o povo-rei, como a medida de tudo, e a vida presente, no planeta, como a única aspiração a ser alcançada.

Contra o predomínio papal de usurpação ergue-se o luteranismo, de que resultou a moderna “estatolatria”, que a Revolução Francesa, com a sua miopia e seus erros, concorreu para agravar. E a sociedade moderna, baseada no poder do ouro, tem sido o regime da plutocracia egoísta, com todas as chagas morais e sociais que resultam de um poderio sem fé, sem ideal, sem luz, sem norte, sem destino, a debater-se na lama e na escuridão.

Entre os grandes condutores do pensamento moderno, houve um que, como píncaro agudo, arrojado e rígido, erguendo-se acima dos demais, deixa a sua sumidade perder-se nas nuvens do infinito. Em que pese aos que só querem enxergar o erro e o mal da Reforma Protestante, e só descobrem a fé, a verdade e o bem alhures, cometer-se flagrante injustiça, se se deixasse passar em silêncio um dos grandes vultos em conexão com a Reforma, e que foi a maior mentalidade religiosa e social de seu século. João Calvino, sustentando a sua tese fundamental da “soberania de Deus”, oferece realmente a chave que abre para a verdadeira ordem social, que não despreza o homem, que não despreza o povo, que não despreza a autoridade civil e religiosa, que não despreza as luzes do saber humano, nem mesmo os bens da vida, mas que coloca o centro de tudo diretamente em Deus. Não se quer com isso endossar todas as conclusões particulares que o próprio Calvino procurou tirar de sua tese invulnerável, e menos ainda todas as suas atitudes pessoais como chefe civil e eclesiástico.

De qualquer forma que se pense acerca do homem de Genebra, ninguém jamais poderá escurecer o brilho celeste que sua mente acendeu para nortear os passos dos homens sobre a terra, quer como indivíduo, quer como parte do corpo social. Só há uma soberania legítima, sem sucedâneos, e fora da qual não há ordem, não há estabilidade, não há paz, não há liberdade, e sem a qual não pode subsistir a razão de ser da vida e a própria alegria de viver: é a sabedoria de Deus, o Reino de Deus impetrado na Oração Dominical: “Venha o Teu Reino”. Como que cada geração necessita de que se

¹ Concílio Vaticano I, 1869-1870, promulgou o Dogma católico romano da Infalibilidade Papal (Nota do Pe G)

² Cilas e Caríbides, seria como dizer: “Pular da frigideira e cair no fogo” (Nota do Pe G)

lhe repita de novo aos ouvidos o som das trombetas do Sinai, lembrado por Nosso Senhor ao doutor da Lei que lhe perguntava acerca do primeiro e grande mandamento: “Ouve, ó Israel, o Senhor é Nosso Deus, o Senhor é Um Só” (Mc 12,29).

Tal é, em sùmula, a tese defendida na presente conferência.

Mas alguém poderá objetar que a tese exige dos homens uma coisa que eles não têm: falta-lhes precisamente a fé. E por isso, em vez de se procurar restaurar na vida individual e social uma fé que se perdeu, pretendem segurar o mundo com algemas e grilhões, à maneira do endemoniado Gadareno³. Porém, o desgraçado possesso, como diz a Escritura, quebrava todas as prisões, com sua força descomunal de energúmeno, e ninguém o podia reter preso. Porém, quando Cristo restaurou-lhe as faculdades, ele aprendeu o verdadeiro regime dos homens que sabem reger-se por si próprios, pela luz da razão saneada pela fé.

É preciso lembrar que o Reino de Deus, impetrado na Oração Dominical, e que é missão da Igreja implantar no mundo, consta dos seguintes elementos essenciais:

É o regime da fé – fé absoluta em Deus, fé nos homens, fé na finalidade transcendente do homem, como individuo e como espécie.

É o regime da verdade.

É o regime da justiça social.

É o regime dos homens livres e dos povos livres, e da única ordem social compatível com a dignidade da natureza humana restaurada.

“Ouve, ó Israel, o Senhor é nosso Deus, o Senhor é Um Só”.

O fenômeno de “nacionalismo” é da categoria dos fatos de ordem natural e que, como os demais, pode ser um bem ou um mal, consoante o uso que dele se fizer. E será certamente uma benção, se for conduzido no espírito de devoção a Deus e de responsabilidade para com os homens, que só podem ser devidamente entendidos, não em multidão infinita, mas repartidos racionalmente em grupos limitados, ao exemplo oferecido pelo Senhor no milagre da multiplicação dos pães e dos peixes. Pois reza o Evangelho que o Senhor, antes de benzer e repartir as provisões fez o povo assentar-se em “ranchos” de cento em cento e de cinquenta em cinquenta, uns maiores e outros menores – nem grandes demais nem excessivamente exíguos.

Assim é o plano de Deus que a humanidade seja dividida em nações, sem os excessos do poderio babilônico, e sem a insignificância dos agrupamentos minúsculos.

Servir, pois, à nacionalidade, sem fins egoísticos, mas para a glória de Deus e o bem de toda a espécie humana, é um imperativo tão claro como o de cada homem no tocante à sua própria personalidade, para cultivá-la e desenvolver-lhe as aptidões para o serviço social.

E um nacionalismo robusto, são, sem paroxismos doentios, só pode crescer à sombra do Evangelho na sua limpidez apostólica.

Em um país novo, ainda em formação, convém a máxima vigilância com os elementos que lhe vão sendo integrados na estrutura social, na estrutura étnica e, sobretudo, na estrutura mental.

Mera afirmação de nacionalismo, sem discernimento, sem ideais alevantados, sem a visão do espaço universal e transcendente da vida, que só a fé pode dar – leva ao desastre, ao caos, ao descalabro. Mas uma saudável afirmação nacional, com Cristo, e por amor de Seu Reino universal, de fé, de amor, de fraternidade ecumênica e a verdadeira liberdade, que é fruto da disciplina e o prêmio dos valores – é o supremo dever do momento.

Um organismo sadio, forte, exuberante de vida, é o que exerce normalmente as duas funções primaciais – a assimilação e a eliminação. Há elementos vitais que devem ser assimilados, e toxinas que é preciso remover. Há valores novos – que são os velhos valores esquecidos – que devem ser integrados na vida nacional, e há velhas toxinas, verdadeiros corpos estranhos, que devem ser extirpados, com pulso firme e certo.

A argúcia do esculápio não se deixa persuadir de que algum elemento estranho entra a fazer parte do corpo, pela única razão de que conseguiu instalar-se nos centros vitais ou misturar-se com a própria massa do sangue. Ele distingue perfeitamente uma coisa da outra e procura debelar o mal – ou

³ Cf. Mc 5. Nota PE G.

por meio de re-agentes ou por um regime adequado, ou, em certos casos, pela impávida aplicação do bisturi. Mas, note-se bem: o bisturi do sábio, e não a foice devastadora de energúmenos sociais.

Se a presente conferência representa, de alguma sorte, algo apreciável para firmar legítimas diretrizes nacionais, é o que dirão os que a ouviram, no Dia da Independência, na Capital Federal⁴, é os que a virem, agora, na forma em que se apresenta ao público.

S. F.

MAIORIDADE NACIONAL CIVIL E RELIGIOSA

Senhores!

Ao encetarmos, na Capital da República, uma obra religiosa de que a outrem, mais do que nós, deveria caber a iniciativa, como era de esperar, temos a convicção de que cumprimos um dever – iniludível dever que o momento da Pátria e do mundo impõe a todo o homem que pensa e que procura nortear-se pela luz que vem de cima. E, sobretudo, nos penhora e conforta, nessa ocasião, a presença de personalidades de escol, que acodem, com solicitude, aos temas dessa ordem – lídimos expoentes, da imensa colméia da vida, de pensamentos e ação, e que se agita à sombra destas montanhas, com seus píncaros agudos, braços erguidos para o céu, ou estendidas, graves, como bustos gigantes curvados em oração; onde as obras de arte humana, por mais que avulsem por mais que ostentem suas galas, ficarão sempre dominadas pelo céu e a natureza. Ambiente privilegiado, que predispõe aos altos pensamentos, aos grandes ideais destinados a tocar em seu âmago a vida, e firmar-lhe seguras diretrizes. Sitio singularmente sugestivo, em que o céu e a terra se encontram, e os homens são convidados a olhar para o alto, para o alcantil das montanhas, e, por cima delas, para o sol que ilumina a Pátria e lhe deixa ver a senda clara de uma específica função espiritual, mais do que puramente material, no concerto dos povos.

Pois no meio de toda a brutal exibição de força, em nossos dias, em escala sem precedentes na historia da raça humana, ameaçando converter o humano em caos, em mar de fogo e sangue, tempo é, mais do que nunca, de se aprestarem os ouvidos aos ditames da verdade – que sem subterfúgios, sem evasivas, sem respeitos humanos. Só a verdade é que salva os homens e as nações. “Faça-se a luz”.

E apresentando hoje essa mensagem, destinada ao grande público, na Pátria e além de seus limites, temos a consciência de que falamos a um povo que entende, e em cujo íntimo, honesto e bom, a sementeira da verdade não se faz em vão.

Brasilidade

Sentimo-nos feliz, hoje, com o ensejo que se nos oferece de falar a um auditório desta ordem, em um ambiente de brasilidade marcada, sadia, que soube traçar os seus próprios rumos, no espírito do Estado Novo, e que reclama, na esfera religiosa, uma mentalidade paralela, do mesmo tom, afinada ao mesmo lamiré de sentimentos cívicos e de responsabilidade nacional.

⁴ Rio de Janeiro, então capital Federal. Nota de Pe G.

* * *

Há uma cerimônia religiosa que muitos apreciam, e não sem razão. É a solene instalação, no lar, de um quadro que representa Jesus com o Seu Sagrado Coração exposto. Motivos somente de louvor, em um gesto que sugere a grande verdade que Jesus é amor, amor divino, transbordante, amor que redime e salva eternamente.

Cristo é Luz

Mas há também um outro aspecto essencial de Cristo, que convém levar em conta: é que ele igualmente é pensamento, é a verdade, é luz, o Verbo de Deus, por excelência. É amor, é calor, é afeição, mas é luz também. Cristo é também mentalidade, é celebração vigorosa. Mero calor, sem luz, é como um barco com potentes máquinas propulsoras, mas sem bússola, sem leme, ou sem piloto.

Importa, pois em tudo, conhecer a mente de Cristo, o seu pensamento, a sua orientação. E por isso ele é chamado a “luz do mundo”.

Não basta sentir a alma de Cristo; é preciso pensar com a mente de Cristo, ter a visão de Cristo, e tomar as diretrizes que ele de uma vez para sempre traçou para os homens.

Cristo é coração, não há negar; mas também é luz, é energia criadora e construtiva. Cristo é tudo. Nada, pois, que de alguma sorte pretenda usurpar o lugar supremo que lhe cabe na vida do indivíduo, na vida dos grêmios humanos e na vida universal.

E por isso é que julgamos de máxima importância o tema que versamos. E pedimos que ninguém tome as alusões que fazemos a um ou outro dos povos, hoje em luta, como se o tivéssemos na conta de único culpado ou responsável pela situação trágica do mundo. O mal é de ordem geral, e devem ser as suas causas procuradas na generalizada oposita dos valores morais e espirituais, de que todos são culpados, sem excetuar a própria religião organizada.

E Deus nos ajude, para que, pensando com clareza, saibamos também agir com firmeza, no rumo que a Providencia nos apresenta, e que a fé nos diz ser o Único que leva ao salvamento.

O Poder da Palavra

Grande é o poder da palavra, especialmente a palavra da verdade que ilumina a alma, dissipa as sombras, levanta as forças abatidas e revela aos homens a rota do seu destino. Para que havemos nós de ir, Senhor? – diziam pela boca de São Pedro os discípulos – se Tu tens as palavras de vida eterna, e nós temos crido e conhecido que Tu És o santo de Deus? As palavras de Cristo são, efetivamente, as palavras de vida, e vida eterna.

Porem o poder da palavra cresce, avulta, assumindo as proporções de um peso tremendo, quando proferida em certas conjunturas. As palavras de um homem bom, ao registrar a sua última vontade, à frente de um notário, na presença de testemunhas de escol e na perspectiva de um túmulo e do juízo de pósteros, à vista do juiz supremo e da eternidade, são de um valor imenso, incalculável.

Tais são as Palavras de Nosso Senhor Jesus Cristo, proferidas naquela noite memorável da primeira Eucaristia, no Cenáculo, na véspera de Sua morte, e a vista de Sua obra futura, mediante os discípulos e Sua Igreja através dos séculos. As suas sentenças, nesta ocasião, levantam-se cada uma de per si, como verdadeiros padrões de luz, de poder e vida para os homens, e especialmente os que invocam o Seu Nome no seio da santa Igreja.

Há, nos grandes centros urbanos, uma repartição especial, destinada a aferição de pesos e medidas, para coibição de abusos ou de simples enganos do povo em suas relações comerciais.

Pois bem, pelas palavras de Cristo, no Cenáculo, devem ser igualmente aferidos e constantemente retificados os nossos conceitos no tocante as numerosas questões em que se debatem

os homens, inclusive os próprios cristãos, e especialmente estes, para os quais a palavra do Mestre é sagrada e decisiva.

E entre as palavras do Senhor, proferidas no Cenáculo, em momento tão sério, tão grave, encontramos uma frase que diz tudo, e que define, em síntese admirável, a relação dos fiéis para com Ele e o espírito das suas relações uns com os outros. Oh, se as palavras de Cristo fora sempre ouvida e devidamente ponderada! Quantos males evitados! Quantos enganos desfeitos! Quanto atrito eliminado! Quanta nuvem dissipada! Quanta paz e harmonia entre os cristãos! Quanta bênção sobre o mundo!

Tronco e Ramos

A grande Palavra do Senhor, nesta ocasião, e que desce como um clarão divino a iluminar todo um labirinto de confusão em que se debatem os homens, sem achar saída, e mesmo os próprios crentes, é simplesmente esta, que se encontra no capítulo quinze e versículo cinco do Evangelho de São João, e em que Nosso Senhor diz: “Eu Sou a videira, vós sois as varas”.

Poucas palavras, na verdade, mas que dizem tudo, e apontam, qual um farol, o verdadeiro caminho, o caminho da fé, o caminho da luz, o caminho da paz e da ordem, o caminho de Deus e da vida.

“Eu Sou a videira, vós sois as varas”.

E o que disse Nosso Senhor, então, aos seus discípulos, no Cenáculo, é o que Ele continua a dizer sempre, em todo o lugar, a cada crente, a cada grêmio de cristãos. Ele é o tronco, por onde corre a seiva da videira. A nenhum dos Seus Apóstolos Ele transferiu as Suas prerrogativas de tronco da videira; todos eles, sem exceção, são sarmentos, são varas de videira.

O grande erro dos séculos tem sido o de pensar que o Senhor conferiu a um dos Seus apóstolos, a Pedro, por exemplo, o privilegio de se tornar tronco, em lugar dele. O tronco é somente ele; Apóstolos, ministros e fiéis, todos são ramos ligados diretamente à verdadeira Vide. Quando meros ramos presumem de se haverem em se transformado em tronco, de modo que ninguém pode ter vida espiritual a aceitação com Deus, a não ser por intermédio deles, detentores, como se julgam, de singulares regalias, é visível então o espírito de idolatria e usurpação, contra o qual o Apóstolo São Paulo, já nos dias primitivos, advertira os próprios fiéis em Roma: “Não te vanglories contra os outros ramos. Se te der vontade de vangloriar-te, lembra-te que não és tu que sustentas a raiz, mas a raiz que te sustenta a ti. Não te ensoberbeças, pois, mas enche-te de temor” (Rm 11,18-21).

Usurpação e Seus Efeitos

Incontáveis são os males que têm sobrevindo a Igreja, às nações, por via de ramos que querem passar como tronco; como se Nosso Senhor nada mais pudesse fazer sem eles; como se Nosso Senhor não fosse mais do que um galho deles! Eles é que são o tronco; ninguém pode pertencer a Cristo, sem ser subordinado a eles. Sem eles – como alguns dizem até abertamente – Cristo não é nada; não há Igreja; não há Sacramentos válidos; não há verdadeira religião; não há virtude aceitável. Cristo afirmou de um modo absoluto: “Onde dois ou três estiverem reunidos em Meu Nome, aí estou Eu no meio deles”. Mas eles acrescentaram uma clausula restritiva às palavras preempatórias de Cristo: “Se tiveram a nossa permissão”!

Tal é o espírito de usurpação, o espírito de predomínio e idolatria. É o transferir para o homem, como individuo ou como grêmio, uma soberania que só pertence a Cristo. E daí o espírito de escravidão, endossante de todas as ditaduras.

Escopo da Obra Religiosa

A verdadeira obra religiosa, no espírito apostólico, é a de ligar as almas diretamente a Cristo. A mediação do homem é precária, é transitória: é um simples ministério. Criaturas humanas amarradas umas as outras, em feixes, é obra humana, terrena, e não a verdadeira obra espiritual que faz de cada alma uma verdadeira vergôntea ligada diretamente ao tronco vital, que é Jesus Cristo. A união dos homens uns com os outros é por intermédio do Cristo, o tronco comum, e não por serem atados artificialmente uns aos outros.

Nunca é demais denunciar o espírito de usurpação, em que meros servos e dispenseiros se arvoram em senhores ou consignatários exclusivos. E daí as disputas infundáveis, em que ninguém mais se entende.

São Pedro, na casa do Centurião Cornélio, no seu memorável discurso de instrução religiosa, proferiu uma sentença de incalculável alcance espiritual e prático. Ao referir-se a Jesus Cristo, assim disse o Apóstolo:

“Este é o Senhor de todos”. O direito do senhorio e de donos não pertencia ao Cesar de Roma, nem ao Apóstolo, nem ao Centurião ali na Sua presença, nem a qualquer grêmio político ou religioso: pertencia a Jesus Cristo. Ele é o Senhor de todos. Esta é a palavra que deve ser sempre repetida, em todos os tons, em todas as conjecturas, sempre e em toda a parte, em virtude de ser a palavra que mais facilmente os homens esquecem ou desvirtuam-lhe o sentido. De nada serve repudiar a soberania absoluta do poder civil do Estado, para firmar a do Papa; repudiar o poderio papal, para formar o do próprio grêmio estreito, farisaico, exclusivista; ou pretender sacudir todo jugo de humano poderio, para afirmar o do próprio individuo, para ser o senhor de si mesmo, como pretende, e assim tornar-se dono dos outros.

Fora do domínio espiritual e moral de Cristo só há usurpação, tirania, escravidão. “Se o Filho vos libertar, sereis verdadeiramente livres”.

Alguém poderá interpelar-nos: Que mal pode haver em se receber a seiva de vida de algum dos ramos, pensando receber diretamente de Cristo; porventura o ramo não está ligado diretamente a Cristo, recebendo dele a seiva? Qual o inconveniente? Não é até mais pratico? Pois o ramo é algo visível e palpável, e Cristo é invisível. É mais fácil crer em um ramo que se vê, e nele arrimar-se, do que num Cristo que se não vê.

É precisamente aqui o ponto a que queremos chegar. Há uma serie infinda de males, muito graves, que resulta de considerar-se o ramo como tronco.

Insegurança e Incerteza

A primeira conseqüência, resultante de uma tal usurpação, é o senso de incerteza e insegurança que se infiltra nas almas. O tronco é puro, é santo, apontando sempre para o alto, ao passo que os ramos estão geralmente eivados de impurezas – galhos secos ou fraquejados de erva de passarinho. O que garante a realidade da vida espiritual é Cristo, o tronco, e não propriamente os ramos. Só pode haver uma vida cristã exuberante, livre, forte, vitoriosa, quando se possui a consciência da direta união com Cristo. Não pode haver sofismas aqui, em que pese a pretensão de certos ramos da Igreja, alguns velhos e outros novos, de serem eles, que não outros, o verdadeiro tronco da sagrada oliveira. Verifica-se, não raro, um fenômeno esquisito: o de pessoas de religiosidade intensa, empenhados em atividade febril na igreja, e que de um momento para outro arrefecem e se deixam tomar de pessimismo, quando não caem em absoluta descrença. É que não tinham o senso de sua união direta e profunda com Cristo, como a fonte suprema de luz e vida, e por isso na primeira experiência em contato com os galhos secos ou doentes, desertam de sua posição.

O Desequilíbrio

Em segundo lugar, o ramo tomado como tronco faz perder o senso de equilíbrio, de paz e de unidade entre os homens. Oriente e Ocidente separam-se religiosamente, há séculos, apenas porque uns e outros se tinham na conta de verdadeiros troncos da árvore sagrada, esquecidos do tronco

comum da unidade e vida que é Cristo. Não pode subsistir unidade universal em torno de meros ramos, por mais vigorosos que pareçam. Ramos, pela sua própria natureza, estendendo-se em diversas direções. O que faz a unidade é o senso vivo do tronco comum, que é Cristo. O papado, como tal, não pode ser o verdadeiro senso de unidade cristã, e nem tampouco o Patriarcado ortodoxo de Antioquia, nem qualquer outro lugar. O que reúne as almas e os grêmios humanos é Cristo diretamente. “Eu Sou a videira, vós sois as varas”. Fora daqui, somente rivalidades, confusão, anarquia, e o terreno preparado da impiedade.

O Homem Livre

Uma outra consequência da natureza funesta, resultante de ser o ramo considerado como tronco, é a de apagar-se a noção cristã do homem livre. O ramo, em lugar do tronco, faz o homem perder inteiramente o senso da soberania de Deus, para reconhecer apenas a sabedoria do grêmio e ou de seu chefe. Forma-se então a mentalidade gregária, em que os valores individuais se apagam e se anulam, para prevalecer somente o valor do grêmio e dos homens em massa. O efeito não é a elevação moral e espiritual do homem, mas a sua degradação, o seu aviltamento, e o terreno preparado para os sistemas políticos de escravidão. O homem não pertence mais a Deus, pertence ao grêmio. A sua responsabilidade não é mais para com Deus, mas para com o grêmio. A idéia de dever para com o próximo, no sentido em que cada criatura humana, de per si, merece o máximo respeito, pela imagem de Deus patente ou latente na sua frente, não existe para o homem que hipotecou todo seu respeito, todo seu culto e veneração somente ao grêmio, como se o grêmio fosse o equivalente de Deus. Em tais condições, não existe mais o homem livre, nem instituições livres, e menos ainda uma Pátria livre.

Mentalidade Babilônica

Porém a mentalidade que subsiste o tronco dividido pelo ramo tem ainda um outro resultado, e não menos fatal à vida dos homens como indivíduos ou entidades coletivas. É a criação do espírito babilônico de megalomania, que só dá crédito às coisas de proporções ciclópicas, a colossal igreja, o grande império, a grande basílica, os formidáveis agregados humanos. O pequeno grêmio formado por indivíduos de retas intenções para os fins de Cristo, a consciência individual, o valor pessoal – tudo se arrasa perante a mentalidade de Babilônia, inteiramente oposta ao espírito do Senhor, que se compraz nos pequeninos agregados humanos formados com retos intúitos: “os dois ou três reunidos em Meu Nome”, “Não temeis, ó pequenino rebanho”, e ainda: “Vede não desprezeis a um desses pequeninos”. E, sobretudo em flagrante desacordo com o espírito do Mestre, do qual diz o profeta: “não esmagará a cana quebrada, nem apagará a mecha que fumeja”.

A mentalidade babilônica não crê nas pequeninas empresas com alevantados intúitos, despreza os pequeninos agregados humanos, não leva em conta as nações pequenas e fracas, não crê no homem livre. Só crê nos grandes impérios e no colossal sindicato. Só crê nos latifúndios e nos seus donos, a amizade dos quais procura com todo o empenho. Não crê no camponês, não crê no operário, a não ser para arregimentá-lo a serviço dos grandes potentados.

E bem sabeis, senhores, o que isso significa: significa a mentira, a opressão, a tirania, o aviltamento, a bestialização humana, com o apodrecimento e a gangrena fatal que acompanha todos os amontoados gigantescos.

São Paulo Inspirado!

Tal é, senhores, o espírito de usurpação do mero ramo que quer fazer as vezes de tronco divino, e que tem sido o inspirador de violências, e brutalidades, e opressões, e endossante de todas as ambições humanas ao predomínio universal – em prejuízo da única soberania de Deus, mediante Jesus

Cristo, em dano do valor intrínseco da personalidade humana e do verdadeiro espírito social – antítese da mentalidade gregária – e que só é possível aos homens livres.

E esse espírito babilônico responde, sobretudo, pela obliteração do verdadeiro senso do universal, o verdadeiro conceito católico, dos homens, do mundo, e da vida, á luz de Deus e da eternidade. É que ele não entende o que seja a fé universal, o amor universal, a fraternidade universal de nações livres, nem a livre unidade universal dos crentes. Só entende uma forma universal: a de um império político universal no espírito pagão de Babilônia.

E por aí vemos quão inspirado foi o Apostolo São Paulo, alcançando situações futuras, ao advertir os fiéis em Roma contra o espírito de usurpação, em que um mero ramo se apresenta como tronco e raiz da verdadeira árvore da Igreja.

“In Nomine Domine”

Tomando Cristo como centro imediato e direto de vida para almas, o resultado é um senso glorioso de libertação espiritual e de paz interior, que se reflete saudavelmente nas relações sociais. “Benedictus qui venit in Nomine Domine”.

Se dirige diretamente aos seus semelhantes “em Nome do Senhor”, e não pela mediação de prepostos humanos, quer sejam grêmios ou indivíduos com pretensões ao senhorio sobre os homens.

A doutrina de um suposto poderio político conferido por Nosso Senhor a São Pedro, e depois dele aos Bispos de Roma, é mais perniciosa do que a primeira vista se afigura. Significa a sagração de um dos ramos em substituição ao tronco da verdadeira Vide, e as conseqüências não podem deixar de ser funestas. Porque manipular um simples e nobre primado pessoal de amor, de coragem e serviço, qual o que o Senhor confiou a São Pedro, e que ele cumpriu lealmente, e transformá-lo em situação de poderio e tutela absoluta sobre os demais – é passar os limites de Cristo e cair em terreno proibido, o de cesarismo pagão.

A Dosagem

Pois que as coisas são boas e saudáveis, somente quando feitas e usadas na medida, na dosagem própria. O arsênico, por exemplo, é medicamento, um tonificante valioso, mas na devida proporção. Se lhe carregam a dose – ninguém o ignora – o efeito é tóxico, é mortífero, é fatal. O mesmo se pode dizer do primado apostólico de amor, de serviço e simples liderança que o Senhor conferiu a São Pedro, como vem conferindo a outros servos Seus, com ou sem tiara ou mitra, em todos os séculos, e que tem servido de pretexto para toda sorte de pretensões exorbitantes, abusivas, puramente pagãs na sua índole, nos seus efeitos.

O Senso Universal

Mas a coisa trágica que se observa, é a existência do mesmo espírito de usurpação em muitos que se insurgem contra as pretensões de Roma. Renegam ao jugo escravizante de Roma, e o denunciam, mas para estabelecer o deles, não menos exclusivista, não menos intolerante, não menos farisáico.

O grande fato, que deve ser afirmado e reafirmado, sempre e em todas as maneiras, é que só Cristo, na Sua divindade aliada a perfeita humanidade, no poder de sua redenção perfeita na cruz, na virtude da sua ressurreição e ascensão à glória, é que pode dar aos homens e verdadeiro senso do divino e do universal, a paz universal, a fraternidade universal, a vida universal, a redenção universal, no tempo e na eternidade.

O Farisaísmo

Verdades são estas que o farisaísmo afirma e sustenta, é certo, mas apenas com uma condição: que o universal lhe passe obrigatoriamente pelas mãos, sujeito ao seu domínio, vasado nos seus moldes, medido na sua bitola, tributário do seu engrandecimento e poderio. O espírito do farisaísmo é o de apossar-se da herança, em prejuízo de Cristo, o real Herdeiro, o divino Senhor de tudo. A atitude do farisaísmo é sempre a mesma, como definida por Cristo na parábola dos maus lavradores: “Este é o herdeiro; vinde, matemo-lo, e será nossa a herança”. O espírito do farisaísmo foi, e sempre será o de perseguir e matar, se possível, o Cristo.

Revelou Nosso Senhor grande penetração e audácia, ao denunciar e condenar o farisaísmo do seu dia. Que era, afinal, o farisaísmo? Não era a negação da fé. Era, pelo contrário, o expoente máximo da ortodoxia, a expressão da lealdade tradicional à religião divina, revelada. O fariseu cria em Deus, cria na realidade do mundo espiritual, na existência da alma, na dos anjos, bons e maus, e acreditava na ressurreição. E cria, ainda mais, na necessidade de uma vida reta e sã. Eram efetivamente os custódios de um inapreciável patrimônio espiritual.

Qual era então o mal dos fariseus? O mal deles consistia exatamente nisto: em guardar alguma coisa muito boa, de valor supremo, mas com espírito mau, com intenções egoístas, fazendo de si mesmos o centro da religião e da vida, em lugar de o fazerem em Deus. Não creram em São João Batista e rejeitaram a Cristo, porque estavam olhando para si próprios, em vez de olharem para Deus; buscavam a si mesmos, com o pretexto de servirem a Deus e a Sua causa. “Como podereis crer? – interpelava-os Nosso Senhor – vós que buscais a glória uns nos outros, e não buscais a glória que vem do Único Deus?” em vez de meros depositários e dispenseiros, arvoram-se em donos e senhores. Em vez de se julgarem instrumentos nas mãos de Deus, para os Seus fins de benção e de salvação para toda a humanidade, eles consideravam a Deus como uma força a ser manobrada por eles, para seus fins de poderio e engrandecimento terreno. Zelavam a Igreja, é certo, mas fazendo da igreja israelita e de sua grandeza, com eles a frente, o fim supremo a que deveria ser subordinado o resto da humanidade – em vez de considerarem a igreja no espírito sacrificial de uma benção a ser levada a toda a espécie humana, consoante os termos da vocação de Abraão, o seu grande ancestral: “Para que sejas uma benção”.

Mentalidade Apostólica

Há um contraste flagrante entre a mentalidade apostólica e a mentalidade farisáica. A mentalidade apostólica diz: “Quem está com Cristo, está conosco”. Mas a mentalidade farisáica inverte a ordem, e declara: “Só quem está conosco é que está com Cristo”. A mentalidade apostólica, aquilatando tudo na escala de Cristo, é larga, é paciente, é generosa, tolerante, esperançosa, otimista, fraternal, disposta a dar tudo a melhor interpretação possível, crente nas possibilidades infinitas do sacrifício na cruz e da atuação do Espírito Santo. A mentalidade farisáica, pelo contrário, aferindo tudo pela sua própria medida é intolerante, energúmena, amesquinhando, denegrindo e arrastando tudo o que não cai na medida da sua craveira. Zelo farisáico e espírito apostólico são coisas diametralmente opostas. Hoje, como sempre, é preciso ter bem clara a distinção.

A humanidade para servir a igreja e o povo de Israel, para os fins de vantagens terrenas – tal era a mentalidade farisaica, e tanto mais perniciosa quanto intimamente associada aos valores inestimáveis de que eram de fato portadores. E por isso não puderam tolerar o teor universal e livre da mensagem do Evangelho. Jesus Cristo, que procurava primeiro algo mais importante do que a mera soberania política de Israel, foi por eles impugnado e rejeitado. Via Jesus na mentalidade farisáica a origem de terríveis males individuais e sociais.

Farisaísmo Criminoso

E a razão estava com Jesus. Não há nada pior no mundo do que coisas boas, verdadeiras e santas, usadas com maus intúitos, para fins subalternos e egoísticos, com o propósito de reduzir os

demais, à posição de vencidos e escravos. “Guardai-vos do fermento dos fariseus” – disse Ele enfaticamente aos Seus discípulos. A cautela é tanto mais necessária, quando alguma coisa má se encontra intimamente associada a outras de valor excelso, incontestável. O farisaísmo, com toda a sua ortodoxia, com toda a pureza dogmática da sua fé, com todo o seu apego e minúcias de regras e praxes religiosas, foi o fator mais decisivo na rejeição de Cristo e no soçobro, então, da religião organizada de Israel. Porque o farisaísmo, cioso de poderio, em seu benefício e dos seus, não escrupuliza em aliar-se com os representantes de ideologias mais opostas a fé que professa – ao sentir-se ameaçado de perder a posição de influência e prestígio político, que desfruta. Para conseguir a condenação de Cristo, firmam os fariseus uma concordata com os saduceus, ímpios declarados; e com os herodianos, cortesãos, vivedores⁵, adesistas de todas as situações. Onde o seu zelo dogmático? Tudo ruiu ao ímpeto da correnteza das paixões, como casa edificada sobre a areia movediça do egoísmo pessoal e coletivo, e não alicerçada sobre a rocha eterna e imperecível da verdadeira fé que se afirma em Deus, que busca acima de tudo a Sua glória, e não deixa iludir por glórias e vantagens terrenas.

O Fermento dos Fariseus

O maior perigo pra a verdadeira fé, em nossos dias, e que parece a sua expressão como força divina, sobrenatural, livre, soberana, é ainda o farisaísmo em suas múltiplas formas. “Guardai-vos do fermento dos fariseus” – é a palavra de ordem do Mestre, que deve ser sempre repetida, e particularmente em nossos dias, quando o farisaísmo com tudo transige e trafica, com tudo se alia, em pactos híbridos, que comprometem a fé e enfraquecem a Igreja – em um esforço supremo para não perder a posição de prestígio político e alcançar outras vantagens de ordem terrena. O farisaísmo não tem zelo de Deus; tem zelo de si mesmo. O seu dogma supremo central é a sua própria soberania, os seus incontestáveis direitos ao predomínio. Não tem zelo da Pátria, e não terá escrúpulo em vendê-la em qualquer momento aos forasteiros, contanto que o garantam no poder. Como os da primeira Sesta-feira Santa, em Jerusalém, estão prontos também a gritar na praça pública, abdicando de toda a sabedoria nacional: “Não temos outro rei senão Cesar!”.

Oh abominável espírito de predomínio! Oh farisaísmo vil e detestável! Bem merece o ferro em brasa, com que um dia te marcou a frente o Salvador divino!

Para o secularismo farisáico não importa a qualidade dos homens e das coisas; importa apenas o seu volume, o seu vulto. As realidades invisíveis e eternas, apreendidas pela fé, são substituídas pelas aparências de extrema grandeza. Não se crê mais, calcula-se. Não se acredita mais em Nosso Senhor e no valor infinito do Seu sacrifício na cruz; acredita-se apenas na hierarquia clerical, a que chamam igreja, destinada ao senhorio das almas e do mundo. Não se confia na direção do Espírito Santo, na Sua luz, no Seu poder; acredita-se, com tremor, na eficiência absoluta de um inigualável serviço de universal espionagem, e na trama apertada de uma política que tudo sabe, tudo calcula, e em tudo procede com infernal astúcia, e com a mesma ausência de escrúpulos de qualquer poderio terreno.

As Duas Mulheres

A igreja, ou o que quer que se apresente com esse nome, não é mais a gloriosa figura de uma mulher vestida do sol, com a lua debaixo dos pés e a frente cingida por um diadema de doze estrelas. É que o espírito de usurpação e apostasia de tal forma deturpado o aspecto da religião organizada, pelo menos em certos aspectos dos seus setores, de modo a se ver nela, não mais a figura de feminil pureza, vestida do sol da justiça e da verdadeira liberdade, mas uma outra figura, também feminil, porém de natureza oposta: a mulher vestida de púrpura, de ouro, de pedras preciosas, símbolos da opulência terrena; não mais com o diadema das doze estrelas do livre espírito apostólico, mas com os emblemas do poderio humano sobre a frente, as córneas excrescências do ferro bovino que confia no poder das suas aspas; não mais pairando nas alturas do ideal, com a lua debaixo dos pés, desprezando as alusões

⁵ Boas vidas. Nota do Pe G.

do mundo, mas fortemente instalada em situação de poderio temporal, cavalgando a besta da política terrena, ajaezada com as mesmas galas de grandeza terrena e secular.

Tal é, senhores, a imagem que nos oferece a inspiração profética do ultimo Livro da escritura, e que bem mostra a Igreja no livre espírito apostólico, em altaneira atitude de fé e liberdade, de consagração e vida, em contraste com o espírito mundano de usurpação apóstata, vaticinado para os últimos tempos.

E nada é de pasmar, senhores, que um secularismo brutal e corruptor, firmado em supostos privilégios de raça, pretenda avassalar pela força o mundo – e isto com a conivência de um sistema religioso, afim, decaído da sua nobre finalidade originária.

Eis aí a realidade, senhores, para a qual nos cumpre ter olhos abertos e consciência alerta, no que concerne ao nosso dever de cristãos e obreiros de uma Pátria livre.

Uma Só Verdade

Afirmam alguns, como a coisa mais certa do mundo, que a verdadeira religião não pode deixar de ser intolerante, pois que a verdade é uma só; não pode haver mais do que uma verdade. Sim ou não, e está tudo resolvido. Mas quem é que incutiui tais dislates na mente dos homens? Há uma só verdade? Disparate de tal jaez só pode ser ensinado na cartilha dos fariseus; porque no seu entender, eles é que são a verdade: estar com eles é estar com a verdade, é estar com Cristo, é estar com Deus. E por isso tudo se torna muito mais simples e sumário. Mas quão diverso era o pensamento do salmista, que via a infinita e incomensurável expressão dos pensamentos de Deus, e sentia-se aniquilado, humilde, reverente: “Quão preciosos são para mim os teus pensamentos. Ó Deus! Quão grande é a soma deles! Se eu fosse a contá-los, são eles mais numerosos do que as areias! (Sl 139,17-18).

Com uma só coisa, porém, o salmista mostrava-se intolerante: com os indivíduos de mau proceder: “Oxalá fizesses perecer os malvados, ó Deus!” – Dizia ele. Mas o fariseu, com a sua intolerância, com o seu exclusivismo, com a sua pretensão de ser melhor que os outros, acima dos outros, converte-se na criatura maléfica, indesejável, funesta, que Nosso Senhor zurziu e expôs publicamente a repulsa dos homens.

A Pureza da Fé

A rigidez intolerante de atitudes – dizem alguns – é necessária para manter a pureza da fé. Mas que se entende pela pureza da fé? Uma mera noção intelectual que afirma a divindade de Cristo, a qual São Pedro confessou em seu nome e no de seus companheiros de apostolado? Mas isso é pouco, ou nada. Cristo é mais, infinitamente mais do que uma simples formula intelectual, assim como um corpo vivo, cheio de músculos, vísceras e todos os seus órgãos em pleno funcionamento, a serviço de uma alma que se levanta nas asas do pensamento e arde em santos afetos, é infinitamente mais do que um simples esqueleto. Quando alguém com medo de heresia ou dissidência, pensa em enclausurar Cristo dentro de uma simples fórmula, o resultado é amesquinhar e empobrecer o Cristo, o Cristo divino, a quem os anjos adoram, e perante o qual as potestades celestes tremem. Muita gente há que faz com o seu Credo o que faz com a Igreja: um meio de seqüestrar o Cristo e reduzir-lhe as proporções, circunscrevendo a área de sua influência. O Credo foi dado para nos ajudar a ver, como um telescópio, as realidades infinitas que avultam ao longe. Mas eles invertem o telescópio, ou antes, olham de cima para baixo, e só enxergam um Cristo minúsculo, mistificado, miúdo, cheio de turras e picuinhas, e não o Cristo verdadeiro, incomensurável, glorioso, inefável, que enche os céus e a terra, e que leva o Apóstolo Paulo a falar em alturas e profundidades, em dimensões que ultrapassam todo o cálculo e desafiam toda a imaginação, e, sobretudo, o Cristo cujo amor excede toda a humana apreensão. Sim, este é o Cristo divino, adorável, que nos liberta de nós mesmos e nos confere o senso glorioso da liberdade dos filhos de Deus, e o espírito de adoção filial, e pelo qual clamamos confiadamente: “Aba, Pai!”

Que É a Verdade?

Que vem a ser a verdade? A verdade é aquilo que é sem poder ser outra coisa. Uma pedra é uma pedra, e não pode ser um pau. Um peixe é peixe, e não pode ser uma serpente. Dois e dois são quatro, e não pode ser seis. O quadrado da hipotenusa é igual à soma do quadrado dos catetos, sem mais, nem menos. Isto é matemático, é lógico, é incontestável. O zênite e o nadir são marcados rigorosamente pelo fio a prumo rigorosamente pelo fio a prumo, e o norte magnético, sempre o mesmo, pela bússola.

Mas o mesmo já não acontece no terreno moral e espiritual, bem como no da arte, que reclama especial disciplina para se apreender o que é bom, o que é santo, o que é belo. Quando Pilatos perguntou a Jesus que coisa era a verdade, não recebeu resposta alguma, porque o Governador romano não estava em condições de receber luzes nesse assunto. A verdade, em religião, e mesmo no terreno moral, não é uma simples fórmula intelectual; é, sobretudo uma vida, um caráter, uma personalidade que consubstancia em si, no mais alto grau possível, as perfeições divinas. A verdade que Deus comunicou a Abraão foi em termos como estes: “Anda na minha presença e sê perfeito”. Abraão, pela sua vida, deve ser a expressão da verdade divina. E Jesus Cristo, o Verbo divino encarnado, é a expressão perfeita da verdade, e por isso Ele não podia dizer que a verdade é isso ou aquilo, mas simplesmente como dissera, no Cenáculo, aos Seus discípulos: “Eu sou a Verdade”. Só nele, pois, é que se encontra a verdade pura, sem mudanças, sem eclipses, sem variações. E isso pela razão de que Ele é a imagem perfeita do Pai das luzes, no qual, no dizer de São Tiago, não há mudança nem sombra de variação.

Mas a respeito de nós, homens, mesmo os mais santos, quantas mudanças! Quantas variações! Quantos clarões brilhantes seguidos de espessas sombras! Quantas perplexidades! Quantas dúvidas! Quanto apalpar nas sombras! O próprio São Paulo, o homem que vira ao Senhor e fora arrebatado até o terceiro céu, dizia que “agora nós vemos como por um espelho, em enigmas, e que só depois, na glória, é que teremos a perfeita visão, face a face”.

É, pois, uma presunção, própria somente de fariseus, julgar-se alguém na plena e absoluta posse da verdade, e ainda por cima atirar um labéio infamante sobre os que, humildes e penitentes, não acalentam a mesma presunção.

Os Infalíveis

Alguém, há tempos, defendendo a infalibilidade atribuída aos papas, dizia-nos que mesmo um Alexandre VI, com todos os desvarios de conduta, nunca fora encontrado em erro doutrinário. Se a verdade é apenas uma fórmula doutrinária, e que absolutamente não interessa ao indivíduo licencioso, nem pró nem contra, então há outro que tem maior direito de reclamar para si o dom da infalibilidade, e que mesmo antes de São Pedro confessara a divindade de Cristo: o diabo, que pela boca de um possesso exclamou com gritos estridentes: “Bem sei que és, és o santo de Deus” (Mc 1,24). E a mesma resposta podia Jesus ter dado ao seu pretense representante infalível, que o desonra com a sua vida: “Cala-te e sai desse homem”.

O senso de estabilidade é o que encontramos somente em Cristo e na medida da nossa confiança nele, e não a que vem da confiança em nós mesmos, quer individual quer coletivamente como Igreja. Olhando para Jesus, São Pedro podia achar firmeza e estabilidade, mesmo andando por cima das ondas; mas no momento em que começa a olhar para si mesmo, começa a submergir. Assim é sempre.

O que confere à alma o senso de segurança é Cristo, a quem unicamente se apega pela fé. “fitando os olhos em Jesus” – como diz a Epistola aos Hebreus. Só em Cristo, a Rocha Eterna e fixa, é que a alma humana encontra o seu abrigo, a segurança infalível que desafia os acidentes e embates da vida e a própria morte. “Jesus Cristo é o mesmo ontem, hoje, e para sempre” (Hb 13,8).

As Vitórias da Fé

A glória do verdadeiro crente, longe de ser a fixidez estática, é a sua constante mudança, a sua evolução, a sua quotidiana renovação pela graça de Deus, as suas contínuas vitórias pela fé – vitória contra si mesmo, vitória contra as circunstâncias impropícias, vitórias de conceitos retificados e atitudes corrigidas. É uma transformação incessante, “de glória em glória”, como diz o Apóstolo São Paulo aos Coríntios. Tudo na Escritura nos fala desta perene renovação: é a salvação gratuita que recebemos de Deus mediante Jesus Cristo, de “fé em fé”, na frase lapidar de São Paulo na sua Epístola aos Romanos. E longe iríamos, se quiséssemos citar todos os passos da Escritura que falam da renovação constante que se opera pela graça de Deus nos verdadeiros crentes.

Triste Estabilidade!

Certo é que a Escritura fala em criaturas estáticas, fixas, empedernidas, nas quais não se operam mudanças, e que são sempre as mesmas, invariavelmente – “semper eadem”. São os ímpios, obstinados no erro e no mal, e dos quais diz o salmista: “esses homens em quem não há mudança, e que não temem a Deus” e a quem Deus há de chamar em juízo (Sl 55,19).

Triste estabilidade!

E há também outras criaturas que bem podem se gloriar da sua fixidez que ninguém pode alterar, nem mesmo a força de pancadas: são certos animais domésticos que de vez em quando emperram.

Mas o ideal que Deus nos propõe é outro – mais alto que o dos ímpios obturados, mais nobre que o dos bichos emperrados, como declama o salmista: “Não sejais como o cavalo, ou o mular, sem juízo, que só se deixam levar no cabresto, e precisam de freios e arreios” (Sl 32,9).

Só Um Pai, o do Céu

Para firmar na mente dos homens o senso da sua absoluta e direta dependência de Deus, sem corpos estranhos de permeio – pois que só o contato direto e vital com Deus é que emancipa o homem de toda a clausura degradante e confere-lhe o senso de uma eterna realeza – Nosso senhor ensinou aos Seus discípulos, dizendo: “A ninguém intituleis pai vosso aqui na terra, porque Um só é o Vosso Pai, o que está nos céus”. Naturalmente não se referia às relações comuns de família, e menos ainda ao período em que os filhos não atingiram à idade adulta. Ele se referia ao espírito de tutela humana de caráter permanente e absoluto, que se pretende impor aos homens, para manter em plano inferior, em atitude subserviente – sem ânimo de pensar por si próprios e de assumir a responsabilidade pessoal ou coletiva que lhes toca. E o farisaísmo hodierno acha que espiritualmente não nos basta um Pai, o que está no céu: é preciso e indispensável também um pai aqui na terra, um tutor permanente, e até infalível! E não somente um pai, um tutor, mas também uma mãe. E quem é essa mãe? Nossa senhora? Não. É a santa madre igreja – não no sentido da universalidade dos crentes, nem no do consenso livre e ecumênico dos fiéis, mas apenas um grupo, ou melhor, uma classe clerical com pretensão de exercer a universal tutela, em chocante antagonismo com o explícito ensinamento do Mestre: “A ninguém intituleis pai aqui na terra”.

Disse Jesus aos seus discípulos: “Vós sem mim não podereis fazer nada” – mostrando o lugar único e absoluto que lhe cabe com relação aos indivíduos e às entidades coletivas. Mas o farisaísmo, sempre intruso e pretensioso, acrescenta: “E nada podereis fazer também sem nós. Cristo é indispensável? Nós também!”. Não exageramos: são os termos exatos que traduzem a mentalidade farisáica, o mau fermento contra o qual preveniu Nosso Senhor os Seus discípulos.

Tal é o espírito de tutela humana que se quer impor como condição inexorável da vida – como se não fora possível a vida dos homens como irmãos, mas tão somente na relação de senhores e de escravos.

E o efeito de tal tutela, quando aceita, é a formação de uma mentalidade social acovardada, mórbida, como de eternas crianças! É permitir que se lavre, contra um indivíduo ou contra um povo o infamante atestado de minoridade perpétua, aplicável somente a certos infelizes, enfermos, com as suas faculdades avariadas. É aceitar, como norma, um maldito complexo de inferioridade que o Evangelho se destina precisamente a remover dos homens, tornando-os criaturas livres, responsáveis, consagradas a Deus e ao serviço da humanidade.

Longe de promover a paz e a concórdia, tal mentalidade social gera suspeitas e malícias. Em vez de inculcar a verdadeira piedade, que liberta as almas pela direta comunhão com Deus, produz fanáticos energúmenos, quando não provoca as reações extremas de revolta e impiedade.

Uma Pátria livre não pode ser edificada senão com a mentalidade religiosa forte, sadia, e livre, dos seus filhos.

O Cristo Escravizado

Um dos maiores danos ocasionados pelo farisaísmo hodierno, é viciar a noção do próprio Cristo. Para o fariseu, Cristo só pode estar com ele e os da sua laia; fora daí, o vácuo, o abismo, a treva, a desolação. O Cristo do fariseu não é o Cristo soberano, Senhor do mundo, dos orbes e dos anjos; é o Cristo que acaba por ser considerado uma espécie de lacaios dele, para só fazer o que quer, para estar somente onde ele ordena; e ausentar-se dos sítios onde a influência do fariseu não atinge.

À maneira de sultão oriental, que não pode ver uma mulher bem parecida, sem o pensamento de tê-la no seu harém; assim o farisaísmo julga o valor das coisas. Não por seu mérito intrínseco, ou pelo seu valor legítimo para outrem, ou pelas suas relações a Cristo, mas unicamente pelas relações que tem ou podem ter para com ele e os do seu bando.

Farisaísmo: Seus Primeiros Sintomas

O critério cristão e apostólico é o de julgar o valor dos homens e das coisas pelas suas livres relações a Cristo e aos fins do Seu reino, com o mínimo possível de referência pessoal para com eles. Mas para o critério farisaico só tem valor o que está subordinado ao seu domínio, sob o seu direto controle. Nos próprios Apóstolos, nos dias de seu aprendizado, manifestou-se a tendência farisaica, quando opuseram embargos ao homem que expulsava demônios e operava curas em nome de Cristo, sem pertencer oficialmente ao bando. Mas Nosso Senhor repreendeu severamente tal espírito, que tendia a viciar e transviar a nobre finalidade da função apostólica – que é a de ajudar a difundir a verdade, o bem, e incentivar toda a boa iniciativa, e não a de arvorar-se como donos ou concessionários exclusivos. O farisaísmo é a antítese da mentalidade que Cristo imprimiu aos seus Apóstolos.

Farisaísmo e Avareza

O mal do farisaísmo corre parrelhas com o certo capitalismo usurário, que absorve em suas mãos os veículos de comunicação e circulação, estabelecidos pela ordem social para facilitar as transformações e a troca de mútuos serviços e valores, e que são, pelo mau capitalismo usados como instrumentos de poderio pessoal e corrupção. Como nos dias de Cristo, assim é sempre: farisaísmo e avareza andam intimamente associados. “Os fariseus, que eram avarentos” – é o que diz o Evangelho.

Falsificações

O espírito do farisaísmo tudo deturpa, tudo deforma e amesquinha. Transforma o livre ministério cristão, armado de autoridade moral e espiritual, mais do que oficial, conferida pelo próprio

Cristo, em instrumento de escravidão, para firmar poderios políticos de caráter duvidoso. Vicia o próprio Sacramento do Altar, selo da fé, da paz e da unidade, fazendo acreditar que Cristo só pode estar presente nos seus altares, às ordens dos seus ministros, e não alhures. O Sacramento e selo da unidade e fraternidade dos crentes é convertido pelo farisaísmo em pomo de discórdia.

E não há mal de conseqüência mais graves, do que o de uma falsa associação de idéias. Idéias isoladas podem ser esquecidas ou facilmente retificadas; porém as idéias associadas se firmam e permanecem. E assim também as falsas associações. Uma coisa nobre e santa, associada a um falso conceito, é de tremendas conseqüências.

E uma das mais funestas idéias, erroneamente associadas, é a de que Cristo só pode estar presente na Igreja, no Sacramento do altar ou no tabernáculo, e não lá fora onde a grande vida se agita e se expande. Fora da Igreja e da Missa, não há mais Cristo, não há mais religião.

A Real Presença

Que o Senhor se acha presente de forma intensiva e especial no Sacramento do Altar, não resta nenhuma dúvida. Mas a visão especial de Cristo, no altar, é precisamente para nos habilitar a vê-lo em toda a parte, em toda a conjuntura, em toda a expressão da vida universal: na cabana do pobre, na tina da lavadeira, na vassoura do homem que limpa as ruas, na escova do engraxate, nos campos, nas matas, nas flores, nos mares nos céus, na terra, em tudo o que vive, em tudo o que existe.

Se temos a visão de Cristo em uma coisa tão simples e humilde, qual uma hóstia, é para nos sugerir que não há sitio algum, por mais longínquo e humilde que seja, sem a Sua Presença, como o Senhor de tudo e de todos.

Lá no presépio, em Belém, revela-se a divindade, a própria glória do céu, na Pessoa do mais humilde Infante, tendo por berço uma manjedoura, por vestes traços de roupas velhas. E o sinal, que receberam os pastores, para que de pronto O reconhecessem, sem qualquer engano, é mais significativo: “Encontrareis uma criancinha, envolta em faixas, deitada em uma manjedoura”. Após a visita, ao voltarem os pastores para junto de seus rebanhos, na rota comum da vida, puseram olhar para as suas humildes ovelhas, para os homens, para o mundo, para as coisas e a vida, vendo tudo nimbado de luz, um novo sentido em cada coisa, um valor eterno em cada minúcia de seus mistérios. Tal é a verdadeira associação de idéias que o Sacramento do altar se destina a trazer às nossas mentes e firmar em nossas vidas.

Esta é a visão do Cristo livre, que alarga os horizontes, ilumina e dignifica a vida em todas as suas relações, que emancipa as almas, rompendo toda a clausura de egoísmo, de mesquinhez e preconceitos.

Mas o farisaísmo, pretendendo fazer de Cristo monopólio seu, como exclusiva propriedade sua e dos seus, tem o efeito de apresentar aos olhos do mundo um podre Cristo enclausurado, desfigurado, desvirtuado, desprezível, senão odioso – muito diverso do Cristo real, universal, cósmico, livre, como luz que, vinda ao mundo, alumia a todo o homem.

Deus no Lugar Supremo

Para a mentalidade apostólica, como para a dos antigos profetas, Deus é colocado sempre em evidência, e sua autoridade sempre reconhecida e invocada. A Igreja nunca é esquecida, certamente, nem a sua autoridade negligenciada; mas é colocada em lugar discreto, secundário, subordinado. E por isso não há colisão de autoridade eclesiástica, não há rivalidade entre Apóstolo e Apóstolo, entre Bispo e Bispo, entre igreja e igreja. Farisaísmo é fator de divisões na Igreja. Porque as divisões na Igreja, em geral, não são mais do que reações contra farisaísmo. Mas, por via de regra, tais reações se fazem no mesmo espírito farisaico, de modo a formar-se um caos, como se vê, de farisaísmos que reciprocamente se excluem e se excomungam.

O próprio estilo do farisaísmo não é o estilo apostólico e dos Profetas da Antiga Dispensação, que invariavelmente repete, como estribilho, a frase: “Assim diz o Senhor”. A mentalidade apostólica

chama sempre a atenção dos homens para Deus e a virtude que procede de Deus mediante Jesus Cristo. Quando São Pedro, em Lida, restaura a saúde de um homem coxo, as suas palavras são estas: “Enéas, Jesus Cristo te cura”. É Jesus Cristo que é posto em destaque, e não o Apóstolo, que apenas se considera um instrumento, um veículo.

Mas o estilo farisaíco é outro: chama em tudo a atenção para o poder da igreja, que vem a ser o poder deles mesmos, pois que só eles, com exclusão de quaisquer outros, é que são a Igreja, no seu entender. E tudo fazem, não em nome de Deus, não em nome do Senhor, mas em nome da “Santa Madre Igreja”. É o mero ramo em substituição do tronco.

Deísmo e Farisaísmo

Há uma grande semelhança entre “deísmo” e farisaísmo, pelo menos quanto ao efeito de colocar Deus longe dos homens. O deísmo considera Deus como o Autor do universo, porém afastado dele. O universo obedece às leis que lhe imprimiu o Creador, mas este não mais intervém nos sucessos humanos nem no curso dos astros.

Pois o farisaísmo produz o mesmo efeito de isolar Deus dos homens mas com a agravante de apresentar Deus como propriedade deles, como força sobrenatural e misteriosa para cumprir as ordens deles, sancionar as suas maldições, dar cumprimentos os seus caprichos, exterminar os que lhe reconhecem o domínio, o deles.

Pior do que colocar Deus fora do universo, é apresentar aos homens um Deus desfigurado, prisioneiro, rancoroso, como força perigosa manobrada por certos homens ou antes, por um só, que é seu delegado exclusivo aqui na terra! Bem se compreende a reação do deísmo, e outras, ainda em nossos dias. Pois um Deus, nestas condições, é melhor mesmo que seja o mais longe possível do universo e dos homens. Quanto mais longe, melhor! – e melhor fora, até, que nem sequer existisse!

Grande e incalculável é o mal da mentalidade farisaíca.

Há uma frase, comum, nos meios agrícolas, a respeito da praga das formigas: “Ou o lavrador dá cabo da formiga, ou a formiga dá cabo do lavrador”. O mesmo se pode dizer da mentalidade farisaíca: “Ou a religião dá cabo do farisaísmo, eliminando do seu seio esse mal, ou o farisaísmo dará cabo da religião, roubando-lhe a virtude e arruinando a vida nacional”.

O Pacto do Litrão

O espírito de senhorio universal, fora de Cristo, tronco e centro da vida, ou mesmo em Nome de Cristo, mas falseando-lhe o espírito e os métodos divinos, só pode levar a ruína e ao descabro. O Pacto do Litrão, que há pouco mais de uma década jungiu o papado ao fascismo, que por sua vez serviu de inspiração ao nazismo, com todas as consequências trágicas que os nossos olhos vêem, é o fatídico fruto, amadurecido, de uma errônea concepção da Igreja, que pretende arvorar um de seus ramos em tronco, em prejuízo do verdadeiro centro de vida, de liberdade e luz, de amor e paz, que se encontra em Cristo, na gloriosa expressão do Seu Santo Evangelho.

E tão flagrante é o espírito de usurpação e apostasia, que até o dom da infalibilidade, apanágio do tronco divino-humano da Igreja, foi atribuído ao representante de um dos ramos! De um Bispo universal, “infalível”, a um infalível chefe de Estado, com pretensões ao total senhorio dos povos e raças do orbe, a transição é fácil, é natural, é inevitável na lógica inexorável da geral apostasia vaticinada para os últimos tempos.

Porém as consciências retas, formadas à luz do Evangelho, ao afluxo do Espírito de Verdade, não se deixam embair, não curvam a cerviz ao jugo deprimente, não aceitam algemas. Só um jugo aceitam, e de boa vontade: o de Cristo. Só um Mestre infalível reconhecem: o “Cristo que por Deus foi para nós constituído como sabedoria, que é justiça, e santificação, e redenção”. E por isso também sabem ver com discernimento a significação moral e espiritual dos fatos políticos e sociais da atualidade.

As Conseqüências

Pois que vem a ser afinal de contas certo “racismo” que surge no velho mundo, senão o repúdio de Cristo como centro e fulcro da família humana universal, para ser o seu lugar tomado por um povo e uma raça com pretensões ao predomínio absoluto sobre os homens? É um galho enfermo que pretende assumir o lugar que pertence ao tronco divino e Cabeça da humanidade. Jesus Cristo. E o comunismo, por seu turno, na forma como se apresenta, é o propósito de congregar todos os povos e raças, em termos de secularismo utilitário – sem Deus, sem fé, sem aspirações transcendentais. É a mesma pretensão inútil de reunir os homens, fora do seu verdadeiro fulcro de vida e unidade, que só se encontra em Cristo.

O Único Fundamento

Mas a grande verdade, comprovada pela experiência amarga dos séculos, foi a que Nosso Senhor um dia declarou aos fariseus: “O que não ajunta comigo, espalha”: Toda a obra religiosa e social que não tem Cristo como centro e base, e isso sem equívocos, sem sofismas, sem evasivas, é dispersiva, é insubsistente, como já dizia o apóstolo São Paulo em uma de suas Epístolas: “Ninguém pode lançar fundamento diverso do que foi lançado, que é Jesus Cristo. E por isso veja cada um como edifica” (1Cor 3,10-11).

A Água da Vida

O mundo, alquebrado, arquejante, está a espera de quem lhe venha com a mensagem do Evangelho da Libertação, não em nome de poderios humanos, com a sua política e as suas tramas infernais, não em nome de poderios eclesiásticos ciosos de privilégios, e nem ainda em nome de seitas energúmenas. O mundo exausto e agonizante está a espera dos arautos do Evangelho da livre graça de Deus, os portadores das Boas Novas da salvação em Cristo, nos termos divinos e incisivos da universal restauração e reconciliação em Cristo – sem medos, sem cálculos mesquinhos, sem sofismas, sem subterfúgios, consoante a última palavra do Livro Sagrado dos cristãos, a Bíblia: “O Espírito e a Esposa dizem: Vem. Quem ouve diga: Vem. O que tem sede venha; e quem quiser receba de graça a graça da vida” (Ap 22,17).

Oh! A graça da vida, de graça oferecida por Deus a toda a alma sedenta, tem sido monopolizada pelos homens, para ser vendida ao preço que estipulam, que nada menos é que o reconhecimento do senhorio deles sobre as almas!

Abrir, pois, a golpes de fé e santa audácia o caminho livre que leva ao manancial das águas vivas em Cristo, na Sua cruz, no trono celeste da graça, é a obra fundamental de religião e de vida social que deve ser feita com urgência em nossos dias.

Desatravancado o caminho que leva para a fonte das águas vivas, que manam ao pé da cruz, será logicamente encontrado um outro caminho, de importância não somente para a justiça nas relações dos homens uns com os outros neste mundo: o caminho da distribuição equitativa dos bens comuns da vida, e que uns poucos pretendem reter em suas mãos, com prejuízo dos demais, que são lançados à margem, a curtir misérias, quando não são iniquamente explorados.

Cristo É Tudo!

O verdadeiro socialismo é o que se firma em Cristo como centro de vida, de poder, de luz e de esperança. Pois a religião que não for socialista, no verdadeiro sentido, pode ser tudo o que quiserem, menos a religião cristã. E um socialismo, sem Cristo, é desvario, é loucura.

Ou Cristo é tudo, ou tudo é nada.

Mas Cristo é tudo, tendo sido constituído por Deus, a nosso favor, como a verdadeira sabedoria, que é justiça, que é santificação, e redenção (1Cor 1,30). Louvado e bendito seja o Seu Santíssimo Nome, agora e para sempre.

Tudo tem sido posto a prova neste mundo, e tudo têm falhado: ciências, artes, filosofias, comércio, indústrias, poderio político e militar sem precedentes.

Só uma coisa ainda não foi posta a prova devidamente, nem mesmo pela religião organizada: o Evangelho da livre graça de Deus em Cristo, que é o remédio divino, único, seguro, infalível.

“O que tem sede, venha; e quem quiser, receba de graça a água da vida”. Aleluia! Aleluia!

Santo André

Porém, antes de terminar, desejamos dizer uma palavra aos que, sob a evocação de Santo André, foram constituídos, nesta Capital, como colunas da Igreja Livre. Bem fizestes, irmãos, em eleger, como vosso orago Santo André, a Apóstolo de Cristo que foi o primeiro a lançar-se na aventura de seguir o Mestre, antes de qualquer outro, ouvindo somente a voz divina que lhe falava pelos lábios de João Batista, e que achava guarida na sua alma límpida, na sua mentalidade máscula de homem que não vive a olhar para onde os outros vão, para ir na onda; homem, porém, que se atreve a tomar a iniciativa e aceita os riscos do pioneiro nas grandes causas; homem que vale por seu esforço ao lado dos outros, mas que vale também sozinho, ou com outros ao seu lado. O seu valor é o que vem de cima, da consciência de uma nobre prosápia inscrita no céu, e não o valor postiço que os homens e as circunstâncias lhe emprestam.

“André” é um nome que vem do grego, *Aner* e *Andrós* no genitivo, e que quer dizer “homem”, “varão”, como distinto do elemento feminil da humanidade. Ser um homem, na acepção plena do termo, é o grande e glorioso ideal.

“Non Ducor, Duco”

André é o símbolo do homem que se guia pela luz da razão, pelos imperativos da consciência, ao clarão da fé, e não por exigências da natureza inferior ou de interesses mesquinhos, inconfessáveis, e nem ainda pelo medo dos homens, e nem pela craveira da mentalidade gregária. Quando olha para Deus diz: “Ducor” – sou guiado, sou conduzido. Mas quando olha para os homens e para a vida, sua linguagem é outra: “Non ducor, duco” – não me deixo levar, não me deixo arrastar, não me deixo seduzir, não me deixo amedrontar, não me deixo escravizar, mas assumo a dianteira, cumpro o meu dever de homem, o dever de um cristão.

André é o símbolo do homem que tem personalidade.

Diz a história que Diógenes, o filósofo, andava ao meio dia, pelas ruas de Atenas, com uma lanterna acesa, a procura, como dizia, de um homem. O que Diógenes não encontrou, por mais que procurasse, foi o que veio espontaneamente ao encontro de Jesus Cristo, quando Santo André o procurou, e o achou, e nunca mais o abandonou, e o seguiu lealmente, livremente, afeiçoadamente, até o nobre termo de sua luminosa carreira nesse mundo. É que personalidade atrai personalidade. O que tem real valor não são os espíritos gregários, que só podem viver em massa, como lobos em alcateias ou larvas no monturo. O real valor pertence aos homens, que sabem ter personalidade distinta, e que sabem ser homens de verdade, em toda a extensão do termo e em toda a conjuntura.

Sede homens, pois, sede cristãos do tipo de Santo André, e a paz do Senhor seja convosco.

O Cardeal Hinsley

Não podemos concluir, senhores, sem chamar a atenção para os expressivos termos do discurso de Sua Eminência, o Cardeal Hinsley, o prelado britânico, por ocasião da primeira reunião anual do “Movimento da Espada do Espírito”. O próprio nome do movimento fala por si, sugerindo a fé que se

firma diretamente em Deus, no poder da verdade e nas forças espirituais, acima de todo o poderio militar ou de pactos ilícitos. E isso é tanto mais evidente, quando o grande Antístite acentua que não pode haver compromisso algum com qualquer forma de tudo o que se apresenta como “absolutismo idólatra” qualquer que seja o seu nome. E em nome de quem fala o grande Bispo? Diretamente em Nome do Senhor, e diretamente à consciência dos seus conterrâneos atribulados e do mundo – sem se escudar em qualquer autoridade humana, no país ou forasteira. Essa é a verdadeira autoridade – profética, apostólica. Ouçam-na os que têm ouvidos para ouvir.

A Barca de São Pedro

O movimento em prol de uma Igreja Livre no Brasil, no espírito de Cristo e sob a evocação de Santo André, representa o “êxodo”, não para sair de sob o domínio dos Faraós no Egito, mas para simplesmente retornar á velha barca de Pedro e do seu irmão André, de onde, há pouco, se retiraram os principais dirigentes da Igreja, transferindo para o barco político de Constantino e de quantos vieram depois dele. O lugar mais seguro, especialmente em nossos dias, é no humilde barco do pescador da Galiléia. Porque é o barco da fé. É o barco dos pescadores de almas e não pescadores de prestígio político e social em águas túrgidas. É o barco onde Cristo está. É o barco de onde ministra a Sua Santa Palavra ao povo. É o barco que amaina as tempestades. É o barco dos homens livres.

O Regente Feijó

E hoje aqui, senhores, do alto desta tribuna, não temos falado em surdina, ou como quem tem medo ou vacila na causa que propugna. E se dúvidas porventura surgissem, seriam de pronto desfeitas pela lembrança de um vulto gigantesco, um dos maiores, senão o maior, de todos quantos deram á Pátria o melhor que tinham – seu grande coração, sua inteligência de escol, seus esforços incansáveis, sem repouso, a própria vida.

Referindo-nos ao grande estadista dos alvares da Pátria emancipada – o Regente Feijó. O insigne homem público, na sua vida acidentada, que foi igualmente a do austero sacerdote, viu claramente que o problema da emancipação nacional só poderia ser devidamente resolvido com o da chamada questão religiosa. É o que as circunstâncias não lhe permitiram então efetivar, é o que hoje apela, com urgência, ao povo do Brasil e aos seus dirigentes, que mostram possuir a visão da realidade social do momento e o propósito de conduzir a Pátria, em meio da universal tormenta, no rumo do seu alto destino em plagas do Novo Mundo.

A Pátria Livre

Pois o que almejam hoje os timoneiros da vida nacional, é o que também nós almejamos: Não uma Pátria satélite de outras, na órbita de outras, mas uma Pátria livre, a traçar seu próprio meridiano, a marcar a sua própria situação, o seu próprio rumo – à vista do sol comum de Deus, que ilumina todas as nações, toda a espécie humana. Não uma Pátria galho ou apêndice de outras, mas uma Pátria livre, autônoma, ligada diretamente a Cristo, o tronco divino da humanidade, e dignamente irmanada com outras pátrias livres.

E como a legítima expressão da nossa vida espiritual no seio de uma Pátria livre, ou antes, com o real fundamento de uma Pátria emancipada, assiste-nos o direito de termos no Brasil uma Igreja livre. Não uma Igreja que seja o galho ou colônia de outra, com sede em outros climas, espirituais empestados, e que pretende passar como tronco único da verdadeira vide, que é Cristo, que é o tronco da sagrada videira, e em relações fraternais de afeto e de respeito igualitário para com outros ramos, no Oriente e no Ocidente, em torno de Cristo, formando a grande família da Igreja universal.

Cisma? Apostasia? Desintegração da Igreja? Pelo contrario, a restauração da verdadeira fé católica e apostólica e do verdadeiro princípio da universal unidade dos homens em Cristo. É criar na

Pátria um ambiente de plena confiança em Cristo, confiança na validade absoluta do sacrifício da cruz e a correspondente validade dos santos Sacramentos – sem as rivalidades amargas de outros séculos, de outros tempos, de outros povos, de outras raças e outros climas.

Pois a católica unidade dos cristãos, em todo o mundo, como base da fraternidade universal da raça humano, que é a essência do Evangelho, só será levada a efeito pela restauração do livre espírito apostólico, e jamais por qualquer dos ramos, como a experiência de sopra o tem provado. “Permaneeci em mim” – é a palavra de Cristo, e também a condição indispensável de vida e unidade.

“A Igreja Livre no Estado Livre”

Uma palavra livre, digna dos seus altos destinos, só pode subsistir na base de uma Igreja livre. “A Igreja livre no Estado livre” – é ainda o grande lema que deve ser cumprido à risca, em sua inteireza. A última parte do lema – “o Estado livre”, ou a Pátria livre – é a que nós, no Brasil, temos procurado cumprir. Mas temos abandonado a primeira parte do lema “a igreja livre”, à mercê de toda a sorte de interferências forasteiras, que nos pretendem impor a sua mentalidade malsã de outros climas, as suas falsas diretrizes, e nos conduz, amarrados forçadamente em feixes, e lançar-nos na fogueira.

“Terceiro” Indesejável

Não é fácil a tarefa de manter a coesão nacional; há mil forças desintegrantes, dispersivas, dissolventes, que devem ser constantemente vigiadas e coibidas. Há também divergências, muitas vezes legítimas, que devem encontrar meios legais, e normais de conciliação. Porém a função do governo, em um país, se torna extremamente penosa, complicada, sem saída, quando um terceiro elemento, com interesses de política estranha, se põe de espreita, com intrigas, para tirar partido da situação. Tal é a ação desintegrante de um clero preso ao cordel de um poderio político e forasteiro. O Padre, em tal conexão, não é cidadão nacional, não é o súdito de seu país; é o súdito de uma entidade política estrangeira, com a sua bandeira, embaixadas de natureza política, e aspirações ao predomínio em tudo. E tanto isso é verdade, que uma das nações latino-americanas, o Chile, não há muito, tendo enviado como seu embaixador ao Vaticano um Padre, nativo da sua terra, este foi recusado, pelo motivo de ser súdito do papado, e não um cidadão de sua terra natal, no gozo de seus direitos.

Se não temos permitido bandeiras regionais secundárias, interpretadas como lesivas á unidade nacional, é realmente absurdo que se tolere em nosso país uma outra bandeira com pretensões à soberania política e temporal. Se fosse apenas o símbolo de uma influencia religiosa e espiritual, pairando no alto, para erguer as almas acima dos interesses mundanos e de insofridas ambições terrenas, nada se poderia objetar. Mas é exatamente o contrário, como a experiência das nações o demonstra. As dificuldades nacionais se agravam, sem solução, a não ser para pior, quando um indesejável “terceiro” se põe no meio, não para conciliar o ajudar, mas para aproveitar-se da situação.

Esta é a verdade, senhores, que deve ser dita sem reboços perante a consciência nacional. E hoje, mais do que em qualquer outra época da nossa vida como povo. A Igreja, no Brasil, deve ser a alma da Pátria, e não um “quisto”, não um corpo estranho no organismo da vida nacional.

Evasão de Recursos

E que diremos então dessa caudal formidável de recursos financeiros que se escoam anualmente para fora do país, pelos mil tentáculos de bispados, congregações, colégios, e toda sorte de instituições vinculadas ao estrangeiro? É o país que se esgota e se atrofia, em benefício de um poderio estrangeiro, que nos quer ter como eternos tuteladores e vassalos. Se alguém se der ao trabalho de calcular a soma fabulosa que anualmente se desvia da sua legítima aplicação no país, ficará simplesmente abismado. E o mais grave ainda é que tais recursos, acumulados no estrangeiro, de um momento para outro podem ser convertidos em explosivos mortíferos contra nós, para serem

despejados do alto das nuvens sobre nós, semeando incêndios, o pavor, a morte, a destruição. Não é nenhuma fantasia, nenhum pesadelo inverossímil, mas a tremenda realidade que os nossos olhos vêem e de os nossos ouvidos escutam o eco sinistro, que vem de outras plagas do mundo.

Estamos sendo lesados de toda a forma – espiritualmente, materialmente – e, com efeito? Para ficarmos, como estamos, sem obreiros, e onde prolifera toda sorte de influências malsãs, dispersivas, em prejuízo da verdadeira fé católica e apostólica, bem como da vida nacional? Para continuarmos com a infiltração de entidades religiosas estrangeiras, que se julgam no direito de catequizar-nos – em dano do cunho cristão e nacional da formação mental do nosso povo?

E o espetáculo, pouco edificante, é o de vermos, nos campos abandonados, instalar-se, como gran-senhores, toda uma leva de mentores religiosos, de outras terras, com seu sectarismo, com seu fanatismo, a sua enfatuação, e, sobretudo o seu alvar desprezo pelos filhos da terra. E aí daquele que se atreve a discrepar, um jota ou um til, da arrogância autoritária de tais senhores! É inexoravelmente infamado, perseguido, e sujeito a toda sorte de arbitrariedades, de vexames e vilanias – e sem remédio, porque, no Brasil, não somente as portas se encontram indistintamente abertas a todo elemento estranho que vinha dar às nossas plagas, como ainda pela irresponsabilidade permitida aos agentes forasteiros, na sua qualidade de diretores de grêmios de propaganda religiosa, e em geral, dissolventes do espírito nacional. Mais importante do que a defesa política do país, e mais ainda do que a defesa militar – é a sua defesa espiritual, no domínio da consciência religiosa. E esta defesa há de ser feita, não por meio de alianças com qualquer forma de farisaísmo, á direita ou á esquerda, mas por termos resolutamente o que Deus quer que sejamos – brasileiros, cristãos, livres, diretamente responsável perante Deus, a nossa Pátria e as demais nações do orbe.

Conclusões

É por isso que nós, no Brasil, só temos hoje um caminho a seguir: o de declarar, francamente, sem equívocos, a nossa maioridade espiritual – como politicamente o fizemos há mais de um século – e consagrar uma UNIÃO CRISTÃ DO BRASIL, constituída de entidades que aderem aos termos dos Credos tradicionais, e com os seguintes distintivos:

- Com o seu culto e todos os seus atos religiosos celebrados em língua nacional. Uma religião viva requer, para sua devida expressão, o veículo de uma língua viva.

- Com o seu clero vinculado à Pátria, constituído de cidadãos brasileiros, e não por indivíduos com votos de vassalagem e qualquer instituição política, com sede no estrangeiro.

- Com o seu clero integrado na vida nacional mediante a família, que ao Padre assiste o direito, humano e divino, de constituir, segundo o exemplo e o espírito da Igreja primitiva.

- Em relação de cordial fraternidade e cooperação com todos os ramos da Igreja universal, no Oriente e no Ocidente.

- Um leal entendimento e colaboração com as autoridades do país, empenhadas, como estão, em imprimir um cunho nacionalista às instituições, mormente àquelas que dizem mais de perto com a formação mental do povo. Pois só merece aplauso o Governo da Republica pelas medidas adotadas com relação a estabelecimentos bancários, empresas jornalísticas e educativas, aplicáveis igualmente, e com mais forte razão, aos institutos religiosos de qualquer matiz; de modo que o cargo de Bispo ou qualquer diretor geral só possa ser exercido por filhos do país, integrados no espírito nacional. Tais medidas, adotadas pelo governo, são logicamente extensivas, a nosso ver, aos bens imóveis, templos e anexos, que tudo leva a crer virão a ser obrigatoriamente registrados como patrimônio do povo, mediante diretorias locais, e não como feitoria de qualquer entidade com sede no estrangeiro.

- Com a sua vida interna regulada por assembleias nacionais com representação do clero e dos fiéis do Brasil.

- Enfim, uma UNIAO NACIONAL, católica, cristã, livre, animada de espírito apostólico, em condições de congregar na unidade da fé as dissidências e reduzir ao mínimo as divergências por motivo religioso no país.

- E como medida de ordem prática, para não se ficar no domínio dos devaneios infrutíferos - *a convocação oportuna de um congresso nacional, em que livremente se possa externar a alma do clero*

*e dos fiéis no Brasil*⁶ - a fim de se dar corpo à velha e muito legítima aspiração de uma Igreja livre no Brasil.

Tal é, senhores, o caminho, único, que a coerência, a honra, o patriotismo e o dever nos apontam, e que os nossos maiores tracejaram; o caminho por onde a fé nos leva, o caminho que do alto o Cruzeiro nos indica – o caminho de Deus, o caminho da vida e da paz, o caminho da Pátria renovada.

O 7 de Setembro

E hoje, senhores, quando festejamos o aniversário mais secular da nossa vida como Nação independente, temos motivos certamente de render graças a Deus pela terra ampla e dadivosa que confiou à nossa guarda.

Há 119 anos declaramos a nossa maioria política. Não foi erro, não foi um desvario, não foi um crime; foi o cumprimento de um dever sagrado, um benefício de que partilham os nossos próprios irmãos no velho mundo.

Assim também, no domínio religioso, a Igreja livre no Brasil, como expressão de nossa maioria espiritual, não é nenhuma veleidade espúria, mas a demonstração do poder divino do Evangelho para a salvação dos indivíduos e dos povos. É a prova da divina virtude do espírito, que opera o milagre estupendo de libertar as almas e unir os corações na mesma fé, no mesmo escopo sacrossanto de servir à causa da humanidade por amor de Cristo.

E assim é que, vinculados diretamente a Cristo pela fé, fé singela, humilde, fraternal, e mostrando na vida o poder dessa fé, não nos dê cuidado o que possam dizer ou pensar de nós os que julgam senhores do mundo. Pois não temos dúvida alguma de que os que são de Cristo ouvirão a nossa voz, acudirão ao nosso apelo, serão atraídos pela luz do alto, e livremente virão trazer o seu concurso à obra divina de conduzir as almas a Deus e congregá-las, aqui na terra, como família universal, unida em torno do único Pastor e Bispo das almas – Cristo Jesus Nosso Senhor, a quem seja toda a honra, e glória, e domínio, pelos séculos dos séculos. Amem.

⁶ Itálico do Autor. Nota do Pe G.